

CIDADE ABERTA

AS 23 258
PEDRO MAIA



Está difícil viver de pesca no Brasil

O recém-criado Ministério da Pesca deverá lançar em todo País, neste final de ano, uma campanha nacional visando fiscalizar de maneira mais objetiva e racional a prática da pesca predatória em todo território brasileiro, incluindo-se aí as 200 milhas marítimas onde navios pesqueiros de várias partes do mundo fazem a festa, dizimando os cardumes do pescado antes de chegarem ao alcance dos pescadores artesanais que sobrevivem a duras penas em toda a extensão de nosso litoral.

Para tanto até o festejado ator e modelo Paulo Zulu, que há nove anos havia optado pela vida calma e tranquila em uma praia de Santa Catarina, onde vive com mulher e filhos, voltou à ativa e topou ser outra vez clicado nadando nu em meio a tubarões para divulgar o absurdo que os barcos de pesca industrial promovem em nossa costa.

Não é necessário completar que este tipo de pesca é contundentemente predatória, pois interrompe o ciclo normal da reprodução das espécies da fauna marítima capturadas antes de alcançarem os pontos da desova, geralmente nos estuários dos rios ou nas águas calmas das enseadas situadas ao longo de nossa faixa litorânea.

E o resultado é uma total mudança nos costumes das praias brasileiras, onde a pesca ainda é um dos principais sustentáculos da economia das comunidades formadas por gerações de pescadores que se arriscam diariamente nas ondas do mar à procura de uma sobrevivência digna e saudável.

Como se não bastassem as muitas proibições surgidas no setor nestes últimos tempos, a pesca industrial em alto-mar causa prejuízos incalculáveis para aqueles que não dispõem de capital bastante para enfrentar a voracidade dos grande barcos de pesca que atuam nas principais correntes marítimas que cortam o Atlântico Sul.

Por artes e graças das muitas instituições governamentais que agora ditam as leis na pesca artesanal do País, os bravos homens do mar, que se arriscam na faina diária, ocupando barcos toscos e primitivos, estão comendo o pão

que o diabo amassou muitas vezes obrigados a burlar as leis para sobreviver deste expediente tão antigo como o próprio homem.

E um exemplo ocorre agora, no aprazível e bucólico balneário da Barra do Jucu, em Vila Velha, onde prazerosamente jogamos a âncora de nosso barco.

Nestes tempos bicudos, quando proibem a pesca de arrastão, a pesca de lagostas, a pesca de mariscos e outros pescados, se tornou tarefa árdua sobreviver deste mister nas muitas colônias espalhadas pelo litoral brasileiro.

Na Barra do Jucu, até um passado recente, eram comuns os grandes cardumes que de tempos em tempos faziam a festa do povo da terra. Eram baiacus, peroás, manjubas, espadas e xaréus que enchiam as redes em determinadas épocas. Agora, isso é raro e quando acontece não é mais como em outros tempos.

A propósito conta-se uma historinha que ilustra bem a triste situação de agora. Dizem que um dia destes estavam todos na missa domingueira quando alguém passou em frente à igreja e gritou bem alto: "Olha aí, ô pessoal! Tá dando xaréu na rede..."

Foi o quanto bastou para todo mundo correr para a praia, deixando o padre falando sozinho.

Afinal, o mar não está para peixe e xaréu na rede não é todo dia que pinta. Este é o drama da pesca artesanal em todo o País.

Enquanto os estrangeiros se locupletam com o nosso pescado em alto-mar, aqui nas praias os nativos enfrentam problemas para os quais só agora o Brasil se dá conta.

Ainda bem!



O mar não está para peixe e xaréu na rede não é todo dia que pinta. Este é o drama da pesca artesanal em todo o País